

Editora Zain

COLEÇÃO LIBRO & LIBRETO

Thomas Mann

A morte em Veneza

Tradução do alemão
Julia Bussius

Posfácios
João Silvério Trevisan
Dieter Borchmeyer

zain

© Editora Zain, 2026
© Death in Venice (Libreto), Faber Music Ltd., 1973
Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Título original: *Der Tod in Venedig*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

EDITOR RESPONSÁVEL
Matthias Zain

PROJETO GRÁFICO
Kiko Farkas | Máquina Estúdio

DIAGRAMAÇÃO
Osmane Garcia Filho

PREPARAÇÃO
Bárbara Prince

REVISÃO
Cristina Yamazaki
Marina Saraiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mann, Thomas
A morte em Veneza / Thomas Mann ; tradução Julia Bussius.
— 1^a ed. — Belo Horizonte, MG : Zain, 2026.

Título original: *Der Tod in Venedig*
ISBN 978-65-85603-27-0

1. Romance alemão I. Título.

25-313408.1

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:
1. Romance : Literatura alemã 833
Henrique Ribeiro Soares — Bibliotecário — CRB 8/9314

Zain
R. São Paulo, 1665, sl. 304 — Lourdes
30170-132 — Belo Horizonte, MG
www.editorazain.com.br
[contato@editorazain.com.br](mailto: contato@editorazain.com.br)
instagram.com/editorazain

SUMÁRIO

A morte em Veneza (novela)	7
A morte em Veneza (libreto)	108
Thomas Mann e a diáspora do desejo, <i>por João Silvério Trevisan</i>	169
<i>A morte em Veneza: O nascimento de uma novela a partir do espírito da música e suas consequências musicais, por Dieter Borchmeyer</i>	182

Esta edição apresenta duas versões de *A morte em Veneza*: a novela original (1912), de Thomas Mann, e sua adaptação para libreto feita por Myfanwy Piper para a ópera *Death in Venice* (1973), do compositor britânico Benjamin Britten. A estreia da ópera aconteceu em 16 de junho de 1973, em Aldeburgh, Inglaterra, durante o Aldeburgh Festival, um festival de música criado em 1948 pelo próprio Britten junto de seu companheiro de vida e cantor Peter Pears e do diretor cênico e produtor Eric Crozier.

A morte em Veneza

Primeiro capítulo

Gustav Aschenbach, ou von Aschenbach, como passara a ser seu nome oficial desde que havia completado cinquenta anos, deixou seu apartamento na Prinzregentenstrasse, em Munique, para mais um longo passeio solitário naquela tarde primaveril do ano de 19..., que durante meses havia lançado uma atmosfera ameaçadora sobre o nosso continente. Exaurido pelo trabalho árduo e penoso das horas matinais, que exigia máxima cautela, prudência, perseverança e rigor de espírito, o escritor não conseguia interromper, mesmo depois do almoço, o fluxo do motor produtivo dentro de si, aquele *motus animi continuus* em que, segundo Cícero, consiste a essência da eloquência, e não tivera o sono reparador, o qual, com o esgotamento crescente de suas forças, lhe era tão necessário em algum momento do dia. Assim, logo após o chá, ele saiu em busca de ar fresco, na esperança de que o ar e o movimento lhe fossem restauradores e o ajudassem a ter um fim de tarde frutífero.

Era início de maio e, depois de semanas frias e úmidas, um falso verão havia chegado. O Englische Garten, embora ainda com pouca folhagem, estava abafado como se fosse agosto, e nas partes próximas à cidade se encontrava cheio de veículos e transeuntes. Na altura do Aumeister,

para onde caminhos cada vez mais pacatos o levaram, Aschenbach contemplou por um breve instante o popular e animado Wirtsgarten, o jardim em cujo entorno estavam parados alguns cabriolés e carruagens. De lá, com o sol se pondo, pegou o caminho de casa por fora do parque, pelo campo aberto, e, como estava cansado e uma tempestade se aproximava de Föhring, esperou no cemitério Norte o bonde que o levaria de volta ao centro em uma linha reta.

Por acaso, o ponto de parada e seus arredores estavam desertos. Nem na pavimentada Ungererstrasse, cujos trilhos se estendiam solitários e reluzentes em direção a Schwabing, nem na Föhringer Chausse se avistava um veículo sequer; atrás das cercas dos marmoristas, onde as cruzes, as placas comemorativas e os monumentos à venda formavam um segundo cemitério desabitado, nada se movia, e o edifício bizantino da capela mortuária em frente restava silencioso, refletindo o dia que findava. Sua parede frontal, decorada com cruzes gregas e pinturas hieráticas de cores claras, mostrava ainda inscrições bíblicas distribuídas de forma simétrica, que apresentavam em letras douradas uma seleção de palavras relacionadas à vida após a morte, tais como: "Eles entrarão na morada de Deus" ou "Que a luz eterna os ilumine". Por alguns minutos, Aschenbach encontrou uma distração séria ao ler essas frases, deixando que o olho da alma se perdesse em sua mística translúcida, quando, voltando dos próprios devaneios, notou um homem no pórtico, atrás dos dois animais apocalípticos que vigiavam as escadas, cuja aparência um tanto incomum levou-lhe os pensamentos para uma direção completamente diversa.

Era incerto se ele havia surgido do interior da capela pela porta de bronze ou se tinha vindo de fora e subido sem

ser notado. Aschenbach não se aprofundou muito na questão, mas estava mais inclinado à primeira hipótese. De estatura mediana, magro, sem barba e com um nariz chato que chamava atenção, o homem era ruivo, com aquela típica pele leitosa e sardenta. Evidentemente não era de cepa bávara: o chapéu de palha largo e de abas retas, que lhe cobria a cabeça, dava à sua aparência um ar de estrangeiro, de alguém que vinha de longe. Porém carregava nos ombros uma mochila típica da região, além de usar um traje amarelado com cinto que parecia feito de lã de ovelha, uma capa cinza sobre o antebraço esquerdo, apoiada junto ao corpo, e, na mão direita, uma bengala com a ponta de ferro, que ele segurava diagonalmente contra o chão e na qual, com os pés cruzados, encostava o quadril. Com a cabeça erguida, de modo que o pomo de adão se destacava forte e despido no pescoço franzino que despontava da camisa esportiva larga, ele observava atentamente à distância, com aqueles olhos incolores de cílios ruivos, entre os quais, combinando estranhamente com seu nariz pequeno e achatado, se mostravam dois vincos verticais bem definidos. Assim — e talvez a posição elevada e cada vez mais proeminente tenha contribuído para essa impressão —, sua postura tinha algo de imperioso e prepotente, audaciosa ou até selvagem; pois, fosse porque ele, ofuscado pelo sol, fazia caretas para o poente ou porque se tratasse de uma deformidade fisionômica congênita: seus lábios pareciam estreitos demais, e recuavam de tal modo que os dentes ficavam totalmente expostos, descobertos até a gengiva, despontando brancos e longos.

É bem possível que Aschenbach, com sua mirada meio distraída, meio inquisitiva, não tenha demonstrado muita consideração pelo estranho; pois de repente percebeu que ele retribuía seu olhar de forma tão belicosa, tão direta,

tão obviamente disposta a levar a situação ao extremo e forçar o outro a desviar o olhar, que Aschenbach, constrangido, se afastou e começou a caminhar ao longo da cerca, com a decisão apressada de não mais prestar atenção àquele sujeito. Esqueceu-o no minuto seguinte. Mas talvez o aspecto errático do estranho tenha atuado sobre sua imaginação, ou alguma outra influência física ou psíquica estivesse em jogo: notou, com total surpresa, uma estranha expansão de seu interior, uma espécie de inquiétude errante, um anseio juvenil e sedento pela distância, um sentimento tão vívido, tão novo, ou há tanto tempo esquecido e desaprendido, que ele ficou paralisado, com as mãos nas costas e o olhar fixo no chão, a fim de examinar a natureza e o objetivo daquela sensação.

Era o desejo de viajar, nada mais; mas se manifestou verdadeiramente na forma de um ataque repentino, intensificado até converter-se em ardor, a ponto de iludir os sentidos. Seu anseio tornou-se visível; sua imaginação, ainda agitada devido às horas de trabalho, criou uma mostra de todos os milagres e terrores da multifacetada Terra, empenhada por representá-los todos de uma só vez: viu, de fato viu uma paisagem, um pântano tropical sob um céu denso e nebuloso, úmido, exuberante e monstruoso, uma espécie de selva primordial de ilhas, lamaçais e remansos pantanosos; viu uma vegetação exuberante, coberta de plantas robustas, intumescidas e com flores chamativas, de onde se erguiam os caules peludos das palmeiras; viu árvores de formas estranhas fincarem suas raízes através do ar até o solo, em águas estagnadas que refletiam sombras verdes, onde, entre flores flutuantes brancas como o leite e do tamanho de tigelas, pássaros de espécies estranhas e de grande porte, com bicos disformes, repousavam parados na superfície e olhavam imóveis para o lado; viu brilharem

entre os troncos nodosos do bambuzal as cores de um tigre que rastejava — e sentiu seu coração bater forte de horror e de uma vontade misteriosa. Então a visão desapareceu; e, balançando a cabeça, Aschenbach retomou seu passeio ao longo da cerca dos escultores de lápides.

Desde que dispunha dos recursos para aproveitar as vantagens de transitar pelo mundo, ele considerava as viagens apenas uma necessidade higiênica a ser adotada de vez em quando, contra sua vontade e inclinação. Ocupado demais pelas tarefas que seu ego e a alma europeia lhe impunham, sobrecarregado demais pela obrigação de produzir, pouco interessado na distração de ser um amante do vivaz mundo exterior, ele tinha se contentado com a visão que qualquer um, sem se afastar muito do seu círculo, pode ter da superfície da Terra, e nunca se sentira tentado a deixar a Europa. Ainda mais que, desde que sua vida se aproximava lentamente do fim, desde que já não se podia mais considerar mero capricho o temor do artista de não chegar a concluir sua obra — essa preocupação com que o tempo acabasse antes de ele haver realizado o que lhe cabia e de haver se entregado por completo —, sua existência exterior se limitava quase exclusivamente à bela cidade que se tornara sua pátria e à rústica propriedade rural que construiria nas montanhas e onde passava os verões chuvosos.

Além disso, aquele sentimento que o fisgava ali tão tarde e repentinamente foi logo atenuado e corrigido pela razão e pela autodisciplina que Aschenbach praticava desde a juventude. Ele tinha a intenção de continuar até certo ponto a obra pela qual vivia antes de se mudar para o campo, e a ideia de sair vagando pelo mundo, se afastando de seu labor por meses, parecia um tanto leviana e contrária a seus planos; não tinha como ser levada a sério.

No entanto, ele sabia muito bem o que fizera aquela tentação surgir tão inesperadamente. Era o desejo de fugir, ele admitia, o anseio pelo distante e pelo novo, o desejo de libertação, de se livrar do fardo e de esquecer — o desejo de se distanciar da obra, do ambiente cotidiano de um ofício rígido, frio e passional. É verdade que amava o que fazia e quase sempre amava também a luta exasperante que se renovava diariamente entre sua vontade tenaz e orgulhosa, tantas vezes posta à prova, e esse cansaço crescente, do qual ninguém podia suspeitar e cujo resultado não podia de modo algum se revelar, através de nenhum sinal de fraqueza e apatia. Mas parecia sensato não exagerar e não sufocar obstinadamente uma necessidade tão vivaz. Pensou em seu trabalho, pensou no ponto em que, tanto hoje como ontem, tivera de abandoná-lo, e sentiu que não estava disposto a se submeter nem ao cuidado paciente, nem à rapidez do improviso. Examinou de novo o entrave, tentou atravessá-lo ou dissolvê-lo, e desistiu do esforço com um arrepião de repulsa. Não havia nenhuma dificuldade extraordinária aqui, mas o que o incomodava eram os escrúpulos da aversão, manifestados na forma de um descontentamento que nada podia satisfazer. Descontentamento, claro, que ele ainda jovem já considerava a essência, a natureza mais profunda do talento, e por causa disso havia refreado e arrefecido o sentimento, pois sabia que tinha a tendência a se contentar com qualquer feliz aproximação e com a semiperfeição. Será que tal sentimento oprimido havia se vingado, abandonando-o, recusando-se a continuar promovendo e estimulando sua arte, levando consigo todo o prazer, todo o encanto pela forma e pela expressão? Não que ele produzisse obras ruins: a vantagem da idade era que a cada instante ele se sentia mais tranquilamente seguro de sua

maestria. Mas enquanto sua pátria o honrava por isso, ele mesmo não se sentia feliz, e lhe parecia que sua obra carecia daquelas marcas de um gênio ardente e espirituoso, marcas que eram fruto da alegria e que, mais que qualquer conteúdo profundo, deleitavam os leitores que as apreciavam. Aschenbach temia o verão no campo, sozinho na pequena casa com a empregada que lhe preparava a comida e o criado que a servia; temia a vista familiar dos cumes e das encostas montanhosas, que mais uma vez rodeariam sua letargia insatisfeita. Então era necessário fazer uma pausa, improvisar um pouco, preguiçar, respirar outros ares e encontrar sangue novo, para que o verão fosse suportável e produtivo. Viajar, portanto — disso ele estava convencido. Não para muito longe, não até onde vivem os tigres. Uma noite em um vagão-dormitório e uma sesta de três ou quatro semanas em alguma estância de férias no Sul encantador...

Assim pensava enquanto o ruído do bonde elétrico se aproximava pela Ungererstrasse, e, ao subir, Aschenbach decidiu dedicar aquela tarde ao estudo dos mapas e dos horários dos trens. Na plataforma lhe ocorreu procurar o homem com o chapéu de palha, seu companheiro naquele tempo de espera tão significativo. Porém não conseguiu encontrá-lo, pois o sujeito não se encontrava nem no lugar em que estava antes, nem na parada seguinte e tampouco no vagão.